Cinderela sem complexos

Nos anos 80, um *best-seller* de psicologia facilitada generalizou a expressão “complexo de Cinderela” para definir a tendência, que caracterizaria tantas mulheres, a aguardarem inertes a chegada de um príncipe que as viria salvar de todos os males. Nas palavras da autora, Colette Dowling, “como Cinderela, as mulheres de hoje ainda esperam por algo externo que venha transformar suas vidas” (1).

Ora, revendo o filme de Walt Disney que trouxe à maioria de nós a história de Cinderela (história antiga, da qual a primeira ocorrência conhecida data do século IX chinês), logo se nota que a Gata Borralheira não vive segundo o modo da expectativa. Embora o filme se abra com “um sonho” - que depois se vai realizar -, não é verdade que Cinderela aguarde passivamente a salvação. Em primeiro lugar, ela trabalha intensamente. A crítica à personagem afirma que seu trabalho é puramente doméstico, representando assim o papel mais tradicional da mulher, ainda por cima rebaixando-a de rainha do lar à empregada. Mas isso é apenas meia

verdade. Digamos que seu trabalho se divide em dois modos, um propriamente alienado, ou melhor, explorado, o qual consiste em servir à madrastra e às irmãs de criação, e outro - porém executado com vivo prazer - o relacionado com o mundo animal. Embora a beleza da imagem compareça nos dois - em testemunho lembre-se Cinderela encerrando o assoalho -, a felicidade surge quando a personagem distribui comida aos animais, ou com eles se entende. E esse sentimento é retribuído a tal ponto que os animaizinhos trabalham por ela, desde o momento inicial em que lhe arrumam a cama ou preparam o banho, até a sequência em que costuram seu vestido de baile. Em suma, há um trabalho explorado, na relação com os demais seres humanos, e outro que é regozijo, mal se distinguindo da alegria ou do prazer proporcionados pela vida.

Assim, por trás do meramente doméstico, o que Cinderela executa é uma relação de profunda integração com a natureza. Poderíamos até falar em ritual, desde - e a exigência é de monta - que pensemos o rito como algo passível de se casar com o prazer, com a espontaneidade, com o modo de ser que seria naturalmente o do animal ou da moça afetiva. A rigor, neste sentido, o filme é religioso (2), porque a heroína estabelece ligações com um plano muito superior àquele, material e puramente factual, em que se movem as irmãs e a madrastra; e é por fazer esse nível de contatos que Cinderela adquire força. Pois outro ponto marcante no filme de Disney é a serenidade da personagem, que não se desanima nem se debilita.

Assim, o sobrenatural somente surge com base nessa integração com a natureza. A fada-madrinha surge depois que a trinca má destruiu a obra-prima da natureza, aquele vestido que camundongos e passarinhos fizeram para Cinderela; se a mágica salva a situação, é apenas substituindo e prosseguindo uma primeira solução que, embora fantástica (a costura, artifício o mais difundido, que por isso mesmo gera a primeira das indústrias, a têxtil, aqui se vê transposta para uma natureza feita criança, a de ratinhos e avezinhas), é rigorosamente natural. E, se a fada intervém, isto se deve à bondade da Borralheira. O sobrenatural não nega o natural: prolonga-o, manifesta-o, constitui a sua verdade. É o que permitiria, aliás, insinuar - se tiver de fato sentido falar em religião ante esse elo fortíssimo com o mundo animal - um panteísmo no filme: ou afirmar que na *Gata Borralheira*, se a natureza não chega a divina, ela pelo menos é divinizada.

Dizendo de outro modo: a tese de uma Cinderela frágil, a esperar passiva o príncipe encantado, supõe que as soluções venham somente de fora, sem haver um trabalho seu, no sentido de um esforço especialmente direcionado para superar a opressão de que ela

RENATO JANINE RIBEIRO é professor associado de Filosofia Política na FFLCH/USP e autor de, entre outros livros, *Ao Lector Sem Medo* (Editora Brasiliense).

Sirva o título deste texto de recordação de um belo artigo de Jean-Pierre Vernant, “Édipo sem Complexos”. Uma primeira versão, bastante abreviada, da parte 1 deste texto saiu na *Folha de S. Paulo* de 8 de março de 1992.

1 Complexo de Cinderela, São Paulo, Melhoramentos, p. 26.

2 Da tão repetida etimologia *re ligare*.

padece. Mas, se entendermos que algo tão fundamental na história como o momento da magia resulta do trabalho (nessa acepção mais forte) de Cinderela, da aliança por ela firmada com a natureza e em especial com seus seres pequenos, os que têm o privilégio da inocência e da pureza, os que fazem a ponte entre a menina-moça incrustando a infância no mundo natural, então passamos a ter não uma salvação entendida como sucesso de que desconhecemos as causas, mas uma construção laboriosa de soluções, e isso mesmo que a Borralheira não tenha consciência de que relação possa haver entre seu trabalho e o sonho, entre o labor doméstico e a liberdade final.

2 Mas aqui uma objeção é possível. Dissemos que o mundo no qual Cinderela se move mais à vontade - seu "lar", no sentido do *Heimat*, de seu lugar de eleição, quase, se quisermos falar a linguagem de Aristóteles, seu lugar natural - é o da relação íntima com a natureza, entendida como inocência. Ora, esta concepção não é a de uma ideologia toda tradicional, que sustenta a dominação do homem sobre a mulher e ainda se estende para uma série de outras opressões e explorações? Tradicionalmente, ao homem se atribuía a dimensão pública, a do trabalho e das relações sociais, econômicas e políticas, enquanto a mulher se confinava no plano privado, da casa e da economia doméstica. Contudo, não se esgota nestes

nomes a divisão entre as atividades que distinguem cada sexo. É mais comum ligar a mulher ao mundo dos afetos e o homem ao da razão, ela ao dos sentimentos e ele ao da vida prática, desde, obviamente, que pública.

O codinome para esse mundo em que a mulher se sente em casa é natureza; o nome correspondente, embora de uso menos frequente, para o lugar do homem seria o de cultura, ou, melhor dizendo, neste caso, de artifício, de construto. Quando se diz que a mulher lida melhor com a espontaneidade e ele com as regras, é de certa forma este o recorte praticado: o da mulher trabalhando de perto a natureza (filhos, animais, jardins, emoções), enquanto o homem constrói um mundo artificial, o das relações sociais distantes,

Gustave Doré

o da *civitas*, da *pólis*, do Estado e de suas sociabilidades frias, porém absolutamente úteis e mesmo necessárias à sobrevivência da espécie. O pressuposto é que a mulher repõe certos instintos, um saber seu por natureza, enquanto o homem necessita inventar. Obviamente a mulher, ao educar os filhos, integra-os no mundo da cultura; e podemos, se tivermos simpatias rousseauianas, recear que o homem se perca nos artificios e na formalidade, se aliene nos afazeres e no trabalho o mais alienado, aquele - como dizia Marcuse - no qual o terrível é o operário se *identificar* com o produto que fabricou. Mas a divisão tradicional é esta.

Em outras palavras, a celebração da natureza, como aparece na versão Disney de Cinderela, não passaria de elemento integrante e essencial de um processo pelo qual se constituiu a domesticidade enquanto o território propriamente feminino. Falamos acima em natureza e em aliança com os pequenos e inocentes animais: a inocência

e o natural não passam de nomes a enfeitar o verdadeiro espaço alocado à mulher, o do mundo doméstico. A mensagem da *Gata Borralheira* seria que, confiando a mulher seu destino à reiteração dos gestos submissos no recinto do lar, um dia chegará a solução, sem ela precisar construí-la diretamente. Ou, dizendo ainda de outro modo: o "complexo de Cinderela" consistiria em renunciar, a mulher, à busca e/ou construção, para de novo falar em linguagem aristotélica, da *causa eficiente* que rompe com a opressão. Pode a linda adolescente integrar-se com o cosmos: isto é muito vago; o que caracteriza a dimensão propriamente política - a da luta contra a dominação e a exploração, neste caso - é o ser humano não apenas firmar uma aliança, não apenas antever fins (o "sonho" do começo), mas além disso conceber os meios, articulando-os e medindo-os com os fins. Uma construção é isso, um engate de meios e fins. É a construir que a mulher renuncia, neste seu papel

tradicional. Resta o sonho, mas este não basta para mudar o mundo.

3 De fato, uma ideologia estreitamente ligada à construção da sociedade capitalista reduziu a natureza à domesticidade. Ou, dizendo de outro modo: dominou a natureza, domesticando-a. São dois processos imbricados e convergentes. O que do mundo natural era assustador foi reduzido, controlado. Com isso, ao mesmo tempo se efetuou uma dominação seca, material, masculina - a que drena os pântanos e os converte em terra arável -, e uma domesticação que diz respeito ao espaço imediato de vivência do ser humano, não o ar-livre onde o varão enfrenta a natureza nua, selvagem, mas a residência na qual se repõem suas forças físicas e psíquicas. Isso implica, obviamente, uma releitura da natureza conforme se trate de domá-la ou domesticá-la. Na doma, a selvageria ainda aparece como horizonte. Do lar, porém, é como se ela não existisse. E os animais de Cinderela são do lar. Embora certamente os camundongos não apareçam à maior parte das pessoas como seres afetivos e/ou úteis ao homem, são, contudo, "domésticos". Ratinhos, passarinhos, cão e cavalo - os sócios de Cinderela na empresa de viver - são bichos de cujo panorama a selvageria está ausente.

E não será este, então, o sentido da aliança da Borralheira, quer dizer, ao firmar seu pacto com a natureza não estará ela, afinal de contas, simplesmente aceitando o lugar destinado à mulher, pelo qual ela provê de natureza o homem, repondo-lhe a energia psíquica e afetiva? Em suma, haveria algo como um "complexo de Cinderela", entendido como uma resoluta aceitação do papel feminino tradicional. A natureza, inclusive a humana, foi privada do que nela é selvagem. A própria maldade da madrasta, de suas duas filhas e do gato não remete em nenhum momento à natureza - pode remeter, sim, a algo do romance gótico, portanto demoníaco, o que vemos tanto no nome do próprio felino, Lúifer, como na identificação que as imagens do filme várias vezes operam, da madrasta com ele. Normalizada a natureza, reduzido o mal ao que a distorce, classicizado o mundo, a mulher pode entender que lidar com o mundo é apenas ser boa e submissa.

O homem, por sinal, só aparece no filme de esguelha: como pai, bom mas ausente; como figuras do poder, no caso do rei e de seu ministro, na verdade duplos um do outro, mas que vivem numa alternância de plena e meia bufonarias; finalmente, como marido, belo, amoroso, mas para quem o futuro e prometido poder - aludo ao príncipe herdeiro - não passa de esplendor, glória, ouropel. O trabalho masculino de domar a natureza nem precisa aparecer; o mundo é doméstico.

4 Em suma, da perspectiva inicial passamos a uma leitura da *Gata Borralheira* como peça que contribui para a dominação ideológica. Leitura que não se pode dizer errada, até porque se conhecem os compromissos políticos dos estúdios Disney, e isso mesmo que deixemos de lado os episódios menos dignificantes da vida de seu criador, como sua possível colaboração à polícia política norte-americana; bastaria lembrarmos como Zé Carioca e Pancho nasceram da política da Boa Vizinhaça, como na guerra do Vietnã houve uma historinha passada num certo Vietbanguê, ou ainda, no plano dos costumes, o estatuto atribuído à mulher (no caso, à pata ou à rata) nas cenas de vida cotidiana passadas em Patópolis.

Mas isso não basta. O problema de toda leitura que elege por modelo o desmascaramento, e por trás do belo e harmonioso procura deslindar um dispositivo insidioso de simulação e dominação - o problema da leitura que desmonta os processos de construção da ideologia -, está em, negando o visível, rebaixando-o pelo menos em parte a aparência, correr ela o risco da parcialidade. O que não significa, está claro, afirmar equivocada essa análise. Ela é devedora do feminismo, o movimento talvez de maior importância e êxito em nosso século, se por ele entendermos algo mais amplo que as organizações que se constituíram com seu nome, para englobar toda sorte de ação em defesa das práticas ou direitos femininos. Ora, foi justamente o sucesso das mulheres nessa direção que tornou um tanto dispensável certo tipo de análise, como a que lia, na Borralheira, o complexo.

Na verdade, o veredicto sobre Cinderela, com ou sem complexo, depende estreita-

mente do estatuto que atribuíamos à mulher. Se entendermos que a ligação com a natureza apenas repõe uma imagem tradicional e consoma a subordinação doméstica, a integração não passará de máscara para melhor submeter o gênero feminino. Mas hoje, quando o que se conhece como feminismo alcançou uma série de mudanças nas relações entre homens e mulheres, pode-se ver a história da Borralheira, não como justificando uma opressão, mas como celebrando uma revolta, ainda que discreta, da mulher aliada às forças da natureza.

Estas razões, porém, são externas à argumentação: elas simplesmente, assinalando o fato de que o mundo mudou estes anos, descrevem um *contexto*. Mas argumentos contextualizadores não refutam nem provam, apenas *mostram* - no caso, que se tornou desnecessário, para quem defende as causas da mulher, um certo tipo de linguagem, um certo modo de reflexão. Precisáramos agora discutir essa própria reflexão.

5

O eixo da questão será então o seguinte: o que significa *natureza*? Demarquemos desde já os quadros da discussão, para deixar claro que ela se refere à natureza vista do quadrante do feminino e da domesticidade. Dizíamos inicialmente que, ao cuidar a Borralheira dos animaizinhos, ela firmava um pacto com a natureza, e que esse seu trabalho não podia ser desconsiderado, a ele se deven-

do que sua liberdade, em vez de ser salvação vinda de fora (da magia, do príncipe), na verdade resultasse de uma ação autônoma: Cinderela seria uma heroína, e sua libertação marcaria o arremate de sua integração no cosmos. Mas depois erguemos a objeção de que essa idéia de natureza não iria além da domesticidade e, reduzindo a selvageria e o desconhecido às dimensões do lar - do que há de mais privado, mais até que a atividade econômica do empresário no capitalismo -, ela simplesmente reporia uma divisão entre os papéis masculino e feminino toda tradicional: de modo que Cinderela, embora feliz, estaria dando lugar a todos os seus complexos.

As duas linhas de argumentação são consistentes; o problema, agora, está apenas em apontar os limites e possibilidades de cada uma dessas idéias de natureza.

Na verdade, a diferença entre elas é que num caso a natureza aparece como um dado, algo que tem positividade própria (e sejamos redundantes, uma positividade *positiva*: porque não apenas tem a realidade de uma substância, mas também é adjetivada como dotada de valor), enquanto no outro ela é construída. Esta, a grande diferença entre a leitura que denuncia o ideológico, desconfiada, e aquela que comunga com a natureza, construtiva. Pode-se aplaudir a ascensão de Cinderela que se liberta, mas neste caso o pressuposto está na existência de algo chamado *natureza*, que é bom, e integrando-se ao qual o homem atinge a liberdade: assim, uma série de valores são, depois de proclamados positivos, identificados uns aos outros - o natural, o real, o bom, o livre. Ou então se pode desconfiar do caminho pelo qual Cinderela se enreda, definitivamente, nos complexos de uma feminilidade subordinada, e desmascarar, a pouco e pouco, o papel dos animaizinhos, o mito da inocência, em que eles comungam com a própria Cinderela, o recurso ao mágico, surgindo em contraponto ao trabalho - que este último, embora belo, apenas a conserva prisioneira, incapaz de libertá-la -, o *finale* de uma salvação inesperada e que chega à humilde oprimida da sede do mais elevado poder: aqui se define, pois, um esquema de dominação enfatizando o silêncio e a submissão femininos, que por sua vez se mantêm graças à esperança constantemente reposta de um dia o sonho se realizar.

Seria difícil, e não é nosso objetivo, escolher entre essas duas leituras. Seria, além disso, inoportuno. Cada uma tem sua esfera de realidade e de eficácia. A leitura desconfiada respondeu, com não pouca coragem, a uma necessidade de denunciar o que constituíam os esquemas insidiosos do poder, os modos por que este ingressava nos campos inesperados e desconhecidos da mente: essa desmontagem revelou uma dimensão do poder maior do que antes se pensava, pois se viu que ele controlava justamente o que se expunha como inocente, neutro, apolítico. Já a leitura comungante marca um tempo em que se recupera um imaginário do qual se pode dizer que vai adiante do mero papel político; e, além disso, ela tem em seu favor o fato de colar-se de perto a alguns aspectos da história narrada, distinguindo na atividade de Cinderela dois trabalhos, mostrando a ligação entre um deles e a libertação mágica e final, arraigando a conquista da liber-

dade na pessoa e na ação da moça perseguida. Isso implica recusar a abordagem *symptômale* da outra postura, que sempre corre o risco de só poder ser comprovada mediante o recurso a elementos externos ao tema tratado, chegando por vezes a denegar parte do aparente e explícito no afã de montar sua decifração.

Mas aqui chegamos ao que, na questão, se aproxima do indecível. Partem, uma e outra postura, de valorações quase opostas da relação do homem com seu mundo: para uma, a educação é formativa, para outra, é repressora; para uma, a natureza é um dado bom, para outra, um construto limitador; procede uma pela comunhão, outra pela desconfiança. Entre essas duas posições, é quase certo que a escolha não possa ser racional. Os argumentos dificilmente darão conta de uma oposição na qual em jogo não estão apenas paixões mas, sobretudo, valores básicos, como estes que dizem respeito, em última análise, ao que se entende por viver, ao que se entende por conhecer.

6 Poderíamos chegar a uma oposição, de certo modo esclarecedora, entre ideologia e, digamos, mito. Se empregarmos o termo *ideologia*, de modo a cobrir todo discurso que de construto se tenta fazer passar por natural, buscando denegar seu caráter efêmero e histórico em favor de uma perenidade indevida, teremos assim definido um pensamento que critica o ideológico ao suspeitar dos objetos culturais em geral, em especial quando estes remetem a positivities enfatizadas, de que justamente é exemplo um termo como *natureza*. Estaremos operando, assim, com um dispositivo que procura desmanchar objetos sólidos em seus componentes, mais que isso, em processos que explicam como se engendra uma aparência de disfarce e engano. Uma longínqua remissão platônica sempre reponta, quando por esse modo as produções imaginárias recebem uma leitura desconfiada, a lembrar que os poetas, artistas e todos aqueles que a um tempo lidam com a não-razão e produzem artefatos podem lograr a percepção pública.

Mas temos também um pensamento que converte o imaginário em mito ou lenda. Estes são termos que, embora possam ser conceituados de diversas formas, no pre-

Gustave Doré

sente caso têm de relevante o fato de conferir dignidade àquilo que a mente não-racional elabora. Isso bem se vê nos contos para crianças. Para a crítica das ideologias, eles constroem algumas condutas-padrão, que subsumem a criança num modelo socialmente imposto, exercendo, assim, forte papel repressivo. Já a análise dos mitos faz desses contos aventuras iniciáticas: uma sabedoria antiga proporciona, através deles, condições aos humanos de acederem, com a idade e a experiência, a um conhecimento gradual e adequado da vida. Com isso, porém, o trabalho do imaginador deixa de ser artefato e tende à revelação. Passa, de algum modo, a dar acesso a chaves conectando o homem às coisas: restitui à palavra *cosmos* o sentido de uma ordem no mundo. Recupera-se uma religiosidade. São duas vias opostas, e entre as quais o diálogo é difícil, e o compromisso, se forem mesmo estes os seus pressupostos, talvez impossível.

Mas será talvez analisando algumas histórias, será talvez enfocando o objeto preciso - no caso, Cinderela, mas há tantos outros -, que uma comunicação entre essas perspectivas, que nos dias de hoje têm ambas grande impacto sobre nossa forma de ler o imaginário e sobretudo a fantasia, poderá, quem sabe, contribuir para reduzir esse impasse e abrir um diálogo entre dois enfoques sobre aquilo em que consiste o propriamente humano.